

História e Tecnologias da Televisão

Karen Cristina Kraemer Abreu*
Rodolfo Sgorla da Silva†

Índice

Introdução	1
1 Memórias da Televisão	2
2 A Televisão ao Vivo	4
3 A Chegada do Videotape	4
4 Color Bars: Deslumbrando a Audiência	5
5 Os Formatos U-MATIC, BETAMAX, VHS E SVHS	5
6 TV a Cabo: uma Programação Segmentada	6
7 HDTV: A Televisão de Alta Definição	8
8 HDMI: Tudo Novo de Novo	9
9 Tendências e Panorama no Brasil	10
Referências	11

Resumo

Este trabalho é uma investigação bibliográfica desenvolvida na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, no campus de Frederico Westphalen/RS, e se propõe a resgatar a História da Televisão, focando tanto nos cientistas que contribuíram para que os raios catódicos fossem recebidos nos aparelhos de TV das casas dos espectadores promovendo a propagação de informações no modelo um para muitos como também dos processos tecnológicos utilizados possibilitando tais transmissões, chegando ao modelo HDMI. Este estudo foi desenvolvido em 2011 como atividade do grupo de pesquisa Convergência e Jornalismo, ConJor.

Palavras-chave: História da Televisão, Tecnologias da Televisão, TV a cabo, Telecomunicações, Televisão no Brasil.

Introdução

BUSCAR informações sobre as realizações passadas é resgatar a história e se instrumentalizar para projetar os próximos passos; os avanços necessários podem surgir dos resultados das reflexões. Este artigo resulta de uma pesquisa bibliográfica e, é uma tentativa de repensar as propostas para a televisão a partir de um olhar para o passado,

*Professora Assistente do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/ FW. Doutoranda e Mestre em Ciências da Linguagem/UNISUL. Graduada em Comunicação Social, habilitações em Jornalismo e em Publicidade e Propaganda/UNISINOS. Membro do grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo – ConJor/UFSM. karen.kraemer@hotmail.com.

†Estudante do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria– UFSM/FW. Membro do grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo – ConJor/UFSM. rodolfosgordasilva@gmail.com.

sem esquecer de estruturar os caminhos futuros, em especial a convergência das mídias.

1 Memórias da Televisão

O cientista sueco Jakob Berzellus, em 1817, observou a fotossensibilidade do selênio ao ser exposto à luz. A preciosa informação descoberta por Berzellus, de que o selênio possuía a propriedade de transformar a energia luminosa em energia elétrica, só foi comprovada 56 anos depois, em 1873, pelo telegrafista irlandês Willougeby Smith May, que realizou mais pesquisas com o selênio. O alemão Paul Nipkow, em 1884, patenteou uma proposta de transmissão de imagens à distância, fato que lhe concedeu o crédito de "fundador da técnica de TV". Relata Ruiz (1971, p. 29), que Nipkow "produziu um disco cheio de pequenas perfurações, montado de forma que, girando em alta velocidade, pudesse projetar a grandes distâncias a imagem de uma pequena cruz". Conforme Squirra,

Os pequenos buracos estavam dispostos em forma espiral e colocados na frente de um cristal de selênio. [...] girando o disco rapidamente, a luz correspondente a cada partícula da imagem focalizada produziria no selênio diferentes impulsos elétricos que seriam amplificados e enviados por um fio até o aparelho receptor, onde outro disco igual ao primeiro, girando na mesma velocidade, faria a recuperação da imagem de modo inverso. Era a solução de ordem mecânica, e

implicava o uso de fio condutor. (SQUIRRA, 1995, p. 33).

Ainda no século XIX, em 1892, os cientistas alemães Julius Elster e Hans Geitel inventaram a célula fotoelétrica, ampliando os estudos de Smith. Constantin Perskyi, apresentou, em 1900, ao Congresso Internacional de Eletricidade de Paris uma tese que descrevia o funcionamento de um equipamento com base nas propriedades fotocondutoras do selênio, transmitindo imagens à distância. O título daquele trabalho era "Televisão", palavra que criou a partir da reunião de dois termos: 1) **tele**, que pode ser traduzido do grego por longe, e 2) **videre**, que em latim significa visão.

Não se pode indicar um único cientista responsável pela invenção da televisão pois muitas foram as contribuições feitas por vários estudiosos. Cada nova descoberta se utilizava dos conhecimentos anteriores já disponíveis. Arbwhnett, em 1906, desenvolveu o sistema de visão à distância (televisão) através dos raios catódicos e da exploração mecânica de espelhos. Boris Rosing, na Rússia, também desenvolveu uma técnica semelhante.

Em 1920, tendo como base o trabalho de Niptow, o cientista escocês John Logie Baird realizou as primeiras transmissões através do sistema mecânico. Surge na Rússia, em 1923, o a partir dos estudos de Wladimir Kosma Zworykin¹, o iconoscópio, invento que utilizava o tubo de raios catódicos, um tubo especial que elimina o processo mecânico desenvolvido por Nipkow. O escocês Baird conseguiu transmitir contornos de objetos à distância em 1924; e, no

¹Wladimir Kosma Zworykin, russo nacionalizado norte-americano. (SQUIRRA, 1995, p. 33).

ano seguinte, 1925, John Logie Baird transmitiu, de sua casa, imagens à distância do seu vizinho Willian Taynton, à casa ao lado, fazendo de Taynton o primeiro homem televisado ao vivo na história da televisão, utilizando o padrão mecânico e definição de 30 linhas. Em 1927, Phil Farnworth patenteou um sistema de secador de imagens por raios catódicos, porém com nível de resolução não satisfatório, inventando a televisão eletrônica. No entanto, foi John Baird que

[...] em fevereiro de 1928 realizou a primeira transmissão de televisão transatlântica, ligando a estação inglesa de Coulsdon à de Hartsdale, nos Estados Unidos. [...] Foi Baird quem primeiro realizou experiências com a televisão em cores, a partir da exploração das imagens com luz vermelha, verde e azul, princípios que regem a televisão colorida até hoje. (SQUIRRA, 1995, p. 34).

Na Inglaterra, em 1930, foi inaugurada a BBC, pioneira em realizar a primeira transmissão de um programa de televisão no mundo com imagem composta por 240 linhas, padrão mínimo que os técnicos chamavam de "alta definição", por garantir boa qualidade e nitidez. Em três meses o sistema oficial da BBC já era de 405 linhas. Anos mais tarde, René Barthelemy promove a primeira transmissão na França. Mais implantações do sistema de televisão pulverizam-se pela Europa.

A Alemanha foi o primeiro país a instalar a televisão pública, em março de 1935, adotando um padrão de "média definição": 180 linhas e 25 quadros por segundo. No ano de 1936, três câmeras eletrônicas da

BBC de Londres transmitiram a cerimônia da coroação do Rei George VI da Grã-Bretanha, atingindo cerca de 50 mil telespectadores, consolidou a importância da televisão inglesa no mundo. É evidente que a qualidade de imagem e de transmissão nem de longe se compara ao que se vê na atualidade. Na Rússia, a televisão começou a funcionar em 1938.

Um ano depois, nos Estados Unidos, a transmissão televisiva, com imagem e som, do discurso do presidente Franklin D. Roosevelt pronunciado na Feira de Amostras de Nova Iorque, marca o início da comunicação eletrônica no continente Americano.

Em 1939, teve início a Segunda Guerra Mundial e, quase que a totalidade das batalhas ocorreu no território europeu. A Alemanha manteve as transmissões de TV no ar durante o período da Guerra, aliás, foi o único país da Europa a fazê-lo. Na França, as transmissões só foram retomadas em outubro de 1944, na Rússia, em dezembro de 1945 e, na Inglaterra, a BBC, só retornou às atividades em junho de 1946, com o anúncio do fim da II Grande Guerra, transmitindo o desfile da vitória.

Os Estados Unidos da América é o país que melhor entendeu e absorveu a nova era da mídia. A NBC estreou em 1941, nos Estados Unidos, apresentando o formato mercadológico da comunicação de massa, com anunciantes e patrocinadores para garantir a programação. Zworykin coordenou o grupo da RCA, produtora do Orticon, o primeiro tubo de televisão produzido em escala industrial a partir de 1945. É no território estadunidense que a mídia televisão alcança as mais importantes conquistas, principalmente, depois do final da Segunda Guerra Mundial.

Em relação à qualidade das transmissões televisivas, as informações obtidas indicam que em 1950, a emissora da França operava com definição de 819 linhas, a BBC de Londres, com 405 linhas, na Rússia, 625 linhas e, nos Estados Unidos e no Japão, 525 linhas.

2 A Televisão ao Vivo

Hoje é praticamente inimaginável pensar a estrutura de programação de uma emissora de televisão totalmente AO VIVO. No entanto, quando as emissoras de televisão iniciaram suas atividades, toda a programação era gerada desta maneira.

Programas produzidos nos mesmos formatos daqueles sucessos existentes no Rádio, intervalos comerciais apresentados por garotas propaganda que experimentavam os produtos para as câmeras e em frente aos espectadores presentes no auditório, falas decoradas, gestos teatrais, movimentação de bastidores, etc, assim eram os tempos da TV com transmissão direta.

Poucas horas diárias, problemas técnicos de áudio e/ou de vídeo eram comuns nas transmissões daquele tempo. Telejornais, telenovelas, entrevistas, apresentações musicais. Tudo produzido em estúdio. Iluminação básica, cenários, praticáveis, tapadeiras e muito jogo de câmera para iludir a visão à distância da audiência, paralisada em suas casas, principalmente à noite, depois da jornada de trabalho.

Equipamentos pesados, criatividade, inventividade, compromisso com a programação, buscar identificação com a sociedade, “agradar” ao telespectador e construir uma cultura televisiva foram os principais desafios das equipes pioneiras das emissoras de TV. Nesse contexto, vale ressaltar

a famosa frase do jornalista Paulo Francis, lembrada por Squirra (1995, p. 36), “na televisão se representam estereótipos que o público possa logo identificar sem o menor esforço mental”.

3 A Chegada do Videotape

O *videotape* (videoteipe) é um gravador de imagens que utilizava fitas magnéticas de 1 ou 2 polegadas de largura acondicionadas em carretéis plásticos. Até 1979, os *videotapes* eram os responsáveis pela gravação em meio magnético. Os equipamentos eram caros e pesados e destinados apenas ao mercado profissional. Com o surgimento do *videotape*, para os programas de televisão, rompe-se a barreira dos estúdios e a televisão vai às ruas das cidades. Novas imagens podem ser capturadas e, literalmente, um mundo de possibilidades se abre à produção televisiva.

Ah, o videoteipe! Mudou a história . programas não precisavam mais ser ao vivo, facilitando, e muito, as gravações e regravações; e podiam ser reprisados. Isso impulsionou a história e mais emissoras foram inauguradas. Surge a TV Excelsior, que revolucionou os padrões da época, lançando as telenovelas. (CESAR, 2008, p. 13 – 14).

Mesmo com equipamentos pesados, grandes equipes são constituídas para sair em busca da notícia, do comportamento, das preferências do público. Transmitir jogos, passeios na cidade e no campo ou na praia, mostrar tendências da moda para a mulher que está em casa e já adquiriu os eletrodomésticos que lhe facilitam a vida, é

garantir a audiência. É garantir os patrocinadores da publicidade, que financiam os programas da TV.

Com a gravação de sons e imagens e movimento a televisão, concentra sobre si a atenção das audiências. O que é mostrado na tela da televisão pode transformar-se em tendência de moda ou de comportamento imediatamente. Há uma grande atenção destinada pelos telespectadores sobre o que é visto através da TV. A credibilidade que o sistema de visão proporciona é inquestionável. Se crê no que se vê. É a certificação de uma sentença bíblica comprovada na modernidade. Para o público leigo, é quase impossível desconstruir aquilo que a audiência vê através da mídia audiovisual.

4 Color Bars: Deslumbrando a Audiência

Tudo o que se via na tela da televisão já produzia um sentimento de verdade, de credibilidade. Quando as cores entram na produção televisiva, a audiência se deslumbra; há um encantamento. Tudo fica mais bonito, colorido, mais próximo da realidade. O céu é azul, a grama é verde, as ondas do mar e as nuvens são tão branquinhas... E as roupas, como são lindas! Os sapatos brilham o verniz que lhes cobre o couro. Agora é possível ver o mundo como ele é.

Outra revolução foi a TV em cores, inaugurada no Brasil em 1962, pela TV Excelsior. Em 1963, a TV Tupi também adere à novidade. Mas as transmissões eram no sistema NTSC, ou seja, não eram oficiais. Poucos anos depois, já na década de 1970, o Brasil

entrou definitivamente no mundo colorido, com a transmissão em cores, agora oficial, pelo sistema PAL-M, em 1972 e a Copa do Mundo em 1974. (CESAR, 2008, p. 14).

As cores, o quarto elemento a caracterizar a mídia televisão, foi o último a chegar. Mas proporcionou uma revolução. Agora era necessário preparar a pele dos apresentadores, dos atores, das atrizes para a iluminação artificial dos estúdios. E as cores aplicadas aos cenários, que harmonizavam-se entre si. Os figurinos também precisaram ser repensados e testados. A cor trouxe vida e realidade às transmissões de TV.

5 Os Formatos U-MATIC, BETAMAX, VHS E SVHS

Desde a década de 1960 a Phillips utilizava-se do conceito da fita K-7, uma pequena “caixinha plástica” onde era armazenada a fita magnética de áudio. Em 1971, a Sony desenvolveu a primeira fita cassete para equipamentos de televisão, armazenado imagem e som: o U-matic. A fita para o videocassete foi montada em uma caixa plástica com uma tampa retrátil, possibilitando introduzi-la no equipamento gravador de áudio e vídeo com facilidade e agilidade; estava protegida de contato com elementos externos bem como com as mãos do operador. Mais tarde foram introduzidos os sintonizadores de TV, uma espécie de relógio orientador da gravação, pois o mercado de equipamentos para a TV percebeu a possibilidade de introduzir estes equipamentos no uso doméstico, gravando a programação das emissoras de

TV e podendo reproduzi-las independentemente de sinal. Também possibilitava gravar cenas familiares ou de eventos interessantes ao consumidor que poderia reproduzi-las a qualquer tempo, quando desejasse.

A Sony, em novembro de 1975, desenvolveu o formato Betamax e lançou-o no mercado norte-americano. Este novo formato utilizava uma fita magnética de 1/2 polegada de largura. Quando essa fita era retirada do equipamento de videocassete envolvia as cabeças de gravação e leitura fazendo com que a troca de informação fosse maior, gerando melhora na qualidade da imagem. Originalmente, o tempo de gravação com uma fita Betamax era de 1 hora; com o desenvolvimento do formato VHS, ela passou a 2h/fita. As políticas mercadológicas da Sony impediram de franquear o formato Betamax no mundo inteiro, poucas empresas como a NEC e a Sanyo receberam este privilégio. Este fato comprometeu a expansão da comercialização dos equipamentos da marca Sony no mundo e, prejudicou a aplicação do uso do sistema Betamax, como consequência.

O Video Home System (VHS), foi lançado em 1976, pela JVC, com tempo de gravação de 2h/fita. Também utilizava fitas magnéticas de 1/2 polegada. Ao contrário da japonesa Sony, a JVC franqueou a tecnologia do VHS para outras empresas, entre elas a RCA, a Panasonic (Matsushita), a Sharp e a Zenith. Tal postura mercadológica possibilitou a difusão do formato VHS no mundo.

Em 1980 três formatos de fitas magnéticas para TV, fisicamente incompatíveis entre si, eram comercializados, quais sejam, U-matic, Betamax e VHS. Por muitos anos os sistemas Betamax e VHS disputaram a preferência do consumidor. O formato VHS

prevaleceu. Em razão de outras políticas de mercado da Sony, a produção de Betamax foi encerrada e a empresa adotou o formato VHS.

O formato Super Video Home System (S-VHS) chegou ao mercado em 1987. O que o diferencia de seu antecessor, o sistema VHS, são o processamento de imagem e a frequência de gravação dos sinais, produzindo uma imagem superior, com melhora na definição de cores, e maior resolução da imagem. Também os materiais de consumo portavam maior qualidade e vinham identificados como S-VHS, mas as fitas VHS comuns também serviam de suporte visto que não havia diferença físicas entre elas. Entretanto, um material de áudio e vídeo gravado em S-VHS só podia ser reproduzido em um equipamento S-VHS. O mesmo não ocorria com as fitas de vídeo no formato VHS, que rodavam em videocassetes VHS e S-VHS, sendo totalmente compatíveis com os dois formatos de equipamento.

6 TV a Cabo: uma Programação Segmentada

Outro ponto importante sobre a história da televisão é a chegada da TV a cabo. TV a cabo é sinônimo de TV paga elo consumidor, com a contrapartida de maior variedade de canais do que a TV aberta (como o nome sugere é a TV não-paga) e possibilidade maior de interatividade, como adquirir pacotes exclusivos de filmes e programas de esportes, por exemplo, que a TV aberta não oferece.

De acordo com Paternostro (2006), a TV a cabo foi o resultado de uma dificuldade encontrada por vendedores de televisão nos

estados norte-americanos da Pennsylvania e do Oregon. Em cidades de regiões montanhosas daqueles estados, a qualidade da imagem dos televisores só era satisfatória nas lojas, pois estavam conectadas a uma antena. Os vendedores, então, começaram a puxar cabos até as residências dos compradores, cobrando por esse serviço, e as vendas aumentaram. Desta forma, o cabo passou a ser utilizado para distribuir não somente canais locais, mas, também, sinais de emissoras de outras cidades, através de uma pequena rota de microondas.

A partir de meados da década de 1970, com o avanço da tecnologia de satélites de comunicação, os sistemas de transmissão, até então regionais, se expandiram rapidamente, incluindo captações de sinais via satélite. Os telespectadores começavam a receber uma programação especializada: eram os primeiros canais temáticos, como previsão do tempo, movimento das bolsas, eventos culturais. [...] Os sistemas de transmissão de sinais conjugavam duas tecnologias: satélite e cabo. Os telespectadores recebiam uma programação especial e pagavam por isso e ainda podiam receber em casa quantos canais quisessem. (PATERNOSTRO, 2006, p. 41).

Com base nisso, infere-se que foi possível a transmissão de canais exclusivos de determinados assuntos porque as emissoras tinham conhecimento de quem compunha o seu público, sabendo, de certa forma, o que ele gostaria de assistir.

Ainda de acordo com Paternostro (2006), no Brasil, pode-se dizer que a TV a cabo surgiu em 1989, com o Canal + (Canal Plus), que transmitia os canais ESPN, CNN, MTV e RAI.

A chegada da TV paga no Brasil poderia ter ocorrido cerca de 15 anos antes, o que só não se concretizou devido à pressão política e econômica de empresas da área de equipamento e das grandes rede de televisão aberta sobre os governos militares.[...] Até esse momento o Estado colaborou com os interesses particularistas da indústria midiática e de equipamentos não fazendo, ou seja, não implantando a TV a cabo no sentido proposto por entidades da sociedade civil e mesmo efetivamente não permitindo o ingresso dessa modalidade de transmissão televisiva no país, já que de certa forma era temido seu efeito sobre a televisão aberta, preocupação, aliás, comprovada pertinente, considerando-se a lógica empresarial, já que hoje há uma grande migração de audiência de uma para outra. (BRIT-TOS, 1999, p. 5 - 6).

Em seguida, o Grupo Abril comprou o Canal + e passou a chamá-lo de TVA – TV Abril, veiculando, também, produção nacional de jornalismo. Em 1991, surgiu a Globosat, programadora e operadora das Organizações Globo, com sinal vindo diretamente do satélite Brasilsat II, o que assegurava qualidade de som e imagem. Em 1993, a Globosat somente programa os canais,

passando a distribuição para a NETBrasil, a operação via satélite para a NetSat e a distribuição, também em via satélite, para a SKY. A Globosat é a responsável pelo primeiro canal brasileiro de telejornalismo 24 horas por dia, a Globo News.

Na França, país desenvolvido e sob um governo democrático², a TV a cabo começou a ser instalada sete anos antes. “Numa primeira fase o desenvolvimento do cabo em França foi iniciado pelos poderes públicos através do ‘Plan Câble’ de 1982. O ‘Plan Câble’ pretendia a cablagem das 50 maiores cidades e dava o monopólio da construção das redes à France Telecom” (BRAUMANN, 1998, p. 3).

7 HDTV: A Televisão de Alta Definição

O começo das pesquisas para melhorar a qualidade da TV ocorreu no Japão. Em seguida a Europa também começou estudos nesse sentido. Pesquisadores norte-americanos perceberam que as dificuldades em avançar nas pesquisas deviam-se ao fato de que trabalhavam com o sistema analógico. Eles teriam que aliar a transmissão da TV ao sistema digital, pelas características de poder comprimir as imagens e digitalizar dados.

A HDTV, a High Definition Television ou a televisão de alta definição, é uma das maiores mudanças tecnológicas desde o aparecimento da TV em cores. Ela traz imagens mais amplas, mais

detalhes, contraste e definição iguais à imagem do cinema. [...] A grande vantagem da HDTV é, sem dúvida, a definição da imagem. A imagem da alta definição tem de 1.080 a 1.125 linhas de resolução, enquanto a imagem da TV convencional fica entre 525 a 625 linhas. (PATERNOSTRO, 2006, p. 66).

A imagem da TV é formada por pixels, quanto mais pixels, melhor a resolução. O sistema analógico do Brasil possui imagem com 150 mil pixels, enquanto que a TV digital atinge uma resolução de 2 milhões, 73 mil e 600 pixels. Outra vantagem da HDTV é o som, que possui a mesma qualidade de um CD.

A emissora estatal italiana, a RAI, transmitiu 16 jogos da Copa do Mundo da Itália, 1990, em alta definição. As Olimpíadas de Barcelona, dois anos depois, foi o primeiro evento internacional a ser coberto em HDTV. Depois, emissoras ligadas à Comunidade Européia passaram a realizar transmissões esporadicamente em alta definição, através do formato DVB, Digital Video Broadcasting.

Record e Globo brigavam pelo posto de primeira transmissão digital no Brasil. A Record transmitiu em 1998, em circuito fechado, um vídeo aos convidados de uma festa no Memorial da América Latina. A captação das imagens, a edição e a transmissão foram feitas no sistema digital. Já a Globo, também em 1998, transmitiu o Fantástico direto de Paris, por ocasião da Copa do Mundo da França, em sistema digital. Os telespectadores perceberam a diferença no formato da transmissão 16x9 (digital), mais largo do que o 4x3 (analógico).

²Esse processo de implantação da TV a cabo na França ocorre no mesmo período em que o Brasil vivia o processo de retorno à democracia. (N. dos A.).

O formato analógico converte intensidade luminosa (pontos de luz) em sinais eletrônicos que variam no tempo e na frequência, gerando sinais de várias amplitudes que trafegam em uma banda específica do satélite de comunicação. Os telefones tradicionais, os de casa, funcionam pelo sistema analógico. O formato digital transforma os sinais de áudio e vídeo em dados ou bits de um computador ou seja, gera e processa informações digitalizadas. Os telefones celulares e os satélites de comunicação, por exemplo, funcionam pelo sistema digital. (PATERNOSTRO, 2006, p. 62-63).

No formato digital não há interferência no sinal se existe obstáculo entre a torre transmissora e a recepção, além disso, é possível ocupar uma só banda de transmissão, através da digitalização, para trafegar vários canais. Inicialmente, os aparelhos convencionais podem receber sinal digital, desde que tenham um conversor de sinais acoplado. Porém, quando toda a estrutura de sinais das emisoras funcionar em HDTV, os aparelhos de TV terão de ser trocados.

Também considerada uma característica revolucionária, a HDTV tem a possibilidade inesgotável de utilizar recursos da informática o que facilita a programação de canais e a interligação com computador, videocassete, aparelho de som, fax, telefones etc. [...] Interatividade: os programas chegam ao display (ou aparelho) de uma

só vez e ficam armazenados. O telespectador pode acessar na hora, mais tarde, outro dia, até um mês depois, dependendo do seu interesse. (PATERNOSTRO, 2006, p. 67).

Apesar do Ministro das Telecomunicações do governo Lula, Hélio Costa, ter informado que a primeira transmissão comercial da televisão digital no Brasil seria realizada num evento histórico festejando o dia da independência, em 7 de setembro 2006, e de contar com as seis principais redes de TV brasileiras que haviam se comprometido com a transmissão, efetivamente, a primeira transmissão oficial de sinal de TV digital no Brasil ocorreu em 2 de dezembro de 2007, em São Paulo. O Ministério das Telecomunicações estimou em 10 mil os aparelhos receptores do sinal digital, naquela data.

8 HDMI: Tudo Novo de Novo

A HDMI, High-Definition Multimedia Interface, ou Interface Multimídia de Alta Definição é um aprimoramento da HDTV, possibilitando mais interatividade por parte do telespectador. Trata-se de um cabo que suporta qualquer formato de vídeo de uma TV ou computador.

O surgimento de novas mídias, principalmente a Internet, somado às mudanças de hábito do telespectador, em função das alterações nas esferas econômica, política e social, promovidas pelas novas tecnologias, dá forma a um ambiente complexo. A televisão agora encontra-se, como nunca, sob o

domínio das tecnologias computacionais. [...] Os parâmetros da TV Digital em suas diversas áreas de influência subvertem em ampla escala o que conhecemos até então como televisão (analógica). (GALVÃO, 2007, p. 3 – 4).

Com a tecnologia HDMI, o telespectador interage e, de certa forma, comanda a programação, podendo assistir o programa que quiser na hora que quiser. Além disso, a partir deste dispositivo, a TV passa a “falar” diretamente para o telespectador.

Outra possibilidade oferecida pela televisão digital, através de seu canal de retorno, é o método que permite rastrear os hábitos de consumo televisivo dos moradores e dos lares em que existam dispositivos de televisão digital instalados, e com canal de retorno ativo, obtendo assim informações relevantes que pode ser utilizadas em uma modalidade de anúncio antes inviável com a televisão analógica, o anúncio segmentado por perfil, ocupando simultaneamente o mesmo espaço publicitário para mensagens e anunciantes distintos. Com a televisão digital as emissoras podem comercializar um mesmo espaço para anunciantes distintos, variando apenas o local (televisão) para onde o anúncio será enviado e exibido. [...] O modelo linear, de conteúdo programado para ser exibido com hora certa e data marcada perde espaço para o conteúdo disponibilizado sob demanda (on-demand),

disponível a todo o tempo, a toda hora, de acordo com a vontade do usuário-consumidor. (GALVÃO, 2007, p. 14 – 16).

9 Tendências e Panorama no Brasil

É importante reafirmar que a televisão não foi uma invenção de somente uma pessoa. Inventores aperfeiçoaram diversas criações de outras pessoas até se chegar no que hoje se denomina de televisão, a transmissão de imagens à distância.

A televisão é um meio de comunicação importante na sociedade contemporânea. Na voz de Squirra (1995, p. 38), “é inegável o papel da televisão como dinamizador cultural, formador de opinião, difusor do conhecimento e, obviamente, de entretenimento”.

No Brasil, em especial, pensar em televisão é pensar em programação destinada a um público muito eclético, com origens, culturas, costumes e gostos diversos. Existem muitas emissoras de TV e cada uma delas produz e destina sua programação para públicos distintos. A TV a cabo promove ainda mais a segmentação do público a partir da programação que oferece ao consumidor. Se, há alguns anos era questionada a viabilidade da TV paga, hoje, sabe-se que ela tem um público determinado e que lhe atribui mais do que conteúdo, também lhe transfere *status*. É importante considerar que muitas produtoras independentes produzem conteúdo para as emissoras de TV fechada, o que amplia as possibilidades de diferentes programas na telinha, em especial, o espaço para documentários. Há 37 anos o mundo vê

a organização do International Public Television, o INPUT, que mostra anualmente produtos produzidos para exibição em televisão, fato que indica a profusão do meio entre nós.

Desde o início das transmissões não houve uma padronização do sistema de televisão, fato que se repetiu com a implantação dos sistemas digitais de TV no final do século XX e nas primeiras décadas do século XXI. Buscar possibilidades para a TV brasileira digital promoveu diversas discussões tanto no setor público (governamental) quanto no privado. Outra importante discussão no setor de telecomunicações é a cobrança do acesso aos conteúdos através dos sistemas de telefonia móvel (telefonia celular).

A disponibilização de conteúdos pela TV digital relevou as condições da transmissão do sinal de televisão no Brasil e foi autorizado o acesso gratuito aos conteúdos da TV digital no país. Televisão, rádio e telefonia integram o mesmo setor: telecomunicação. Entretanto, a radiodifusão (rádio e TV), que anteriormente ocupava o setor inteiramente, hoje é responsável por cerca de 30% dos negócios. A telefonia móvel, que está atuando a pouco mais de 13 anos, é quem controla os outros 70% do setor de telecomunicações.

Com interesses divergentes, quedas de braço são frequentes entre os representantes do setor de radiodifusão e do setor de telefonia. A programação da televisão brasileira busca encontrar programas interativos e que cativem o público, desviando-os do acesso à Internet, ao prender-lhes a atenção, buscando impor táticas antigas de difusão ou abordando a convergência dos conteúdos para os mais variados meios, possibilitando ao consumidor (não mais telespectador, ouvinte ou internauta) acessar o conteúdo que desejar na

plataforma que mais lhe interessar ou àquela que lhe esteja disponível. Isto para se adaptar ao novo contexto comunicacional, resultante da existência e ampla utilização da Internet, como por exemplo, a busca por se aproximar do telespectador, através de dispositivos de interatividade.

Referências

- AGERT – Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão. Disponível em: <http://www.agert.org.br>. Acessado em: 15 de outubro de 2011.
- BRAUMANN, Pedro Jorge (1998). *A televisão por cabo em França: situação actual e perspectivas de mercado*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (BOCC), Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã, Portugal. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt> Acessado em 9 de abril de 2011.
- BRITTOS, Valério Cruz (1999). *A participação do Estado no mercado de TV por assinatura*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (BOCC), Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã, Portugal. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>. Acessado em 9 de abril de 2011.
- GALVÃO, Fabricio Scaff (2007). *Não é TV, é uma nova mídia*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (BOCC), Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã, Portugal. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>. Acessado em 9 de abril de 2011.

MORAIS, Fernando (1994). *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras.

PATERNOSTRO, Vera Íris (1999). *O texto na TV: manual de telejornalismo*. 16^a. Tiragem. Rio de Janeiro: Elsevier.

RUÍZ, Anibal Arias (1971). *El mundo de la television*. Madri: Guadarrama.

SAMPAIO, Mário Ferraz (1972). *História da televisão e rádio no Brasil e no mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de Moraes (1995). *Aprender telejornalismo: produção e técnica*. 1^a. Reimpressão. São Paulo: Brasiliense.